

Comunicação Pública

Vol.12 nº 22 | 2017
Número não temático

Desafios para a historiografia do jornalismo literário português

Challenges for a historiography of portuguese literary journalism

Manuel João de Carvalho Coutinho



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cp/12866>

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 janeiro 2023.

Desafios para a historiografia do jornalismo literário português

Challenges for a historiography of portuguese literary journalism

Manuel João de Carvalho Coutinho

NOTA DO EDITOR

Recebido: 14 julho 2016

Aceite para publicação: 6 janeiro 2017

Introdução

- 1 Nos dias 8, 9 e 10 novembro de 2013, na Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa, foi realizada uma conferência intitulada, de uma forma provocatória, *O Regresso do Jornalismo*. Paulo Moura, jornalista conceituado e um dos organizadores, justificou o título como sendo parte de uma ideia desafiadora, não só para o público, mas também para os oradores. E, lançando já um pouco dessa incitação num dos painéis, pediu comentários aos colegas com quem partilhava a tribuna.
- 2 Um dos palestrantes que decidiu tomar a palavra foi Mark Kramer, professor na Universidade de Boston e jornalista; um dos nomes mais sonantes da atualidade ao nível da prática e do estudo do jornalismo literário norte-americano. Numa crítica clara a uma boa parte do jornalismo de hoje em dia, o autor referiu continuamente um fenómeno que a seu ver domina as publicações dos jornais da atualidade. Nas suas palavras, este fenómeno trata-se de um sentimento de *deselfed*, que parte do jornalista e que, invariavelmente, afeta gravemente a experiência do leitor. Nas suas palavras, referia-se a um “desejo do jornalista se distanciar das notícias”, de maneira a tratá-las de forma não só objetiva e direta, mas igualmente desumana e sem qualquer interesse ou empenho no acontecimento a noticiar; por outras palavras um ‘noticiar por noticiar’, sem envolvimento algum e de uma forma mecânica.

- 3 Este comentário de Kramer, que já havia sido lançado previamente numa breve comunicação no dia 7 do mesmo mês (desta vez na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), surgiu não só como uma explicação para um certo pânico que o autor sentia ao deparar-se com as publicações no jornalismo atual, mas também como uma forma de lançar para a discussão aquela que era na sua visão a natural e correta ‘resposta jornalística’ que procura contrariar esta tendência - sendo esta resposta, na sua visão, nem mais nem menos que o jornalismo literário, por todas as possibilidades que o género proporciona aos jornalistas e respetivos leitores.
- 4 Assim, na procura de desconstruir as palavras de Kramer será importante explorar a fundo aquilo que definimos como jornalismo literário. Além disso, e tal como o título deste artigo sugere, será igualmente interessante investigar se este género existe ou não na história dos *media* e do jornalismo português, e se é possível conceber uma historiografia do jornalismo literário. Neste sentido serão consideradas neste estudo várias obras de referência de e sobre jornalismo literário, assim como será feita uma análise extensa e crítica a obras académicas que se centram na temática em questão.

1. Jornalismo literário: análise e aprofundamento contextual

- 5 Antes de se começar pela análise académica do jornalismo literário, na procura de perceber do que se trata ao certo, o mais simples será mesmo citar dois autores cujas narrativas se encontram nos parâmetros desta temática. Primeiro veja-se um caso internacional e depois um exemplo nacional. Especial atenção pois são escritos jornalísticos que, à primeira vista, parecem tratar-se de romances ficcionais, isto por não se enquadrarem nos moldes que marcam os *media* convencionais. Veja-se o seguinte excerto de *Relato de um Naufrago* (2011 [1970]), de Gabriel G. Márquez; obra que narra a história verídica de um naufrágio e de uma luta de dez dias em alto o mar:

Não amanheceu lentamente, como em terra. O céu ficou pálido, desapareceram as primeiras estrelas e eu continuava a olhar primeiro para o relógio e depois para o horizonte. Apareceram os contornos do mar. Tinham decorrido doze horas, mas parecia-me impossível. É impossível que a noite seja tão longa como o dia. É preciso ter passado uma noite no mar, sentado numa balsa e a contemplar um relógio, para se saber que a noite é incomensuravelmente mais longa do que o dia (Márquez, 2011: 44).

- 6 O excerto foi concebido a partir de conversas com Luís Alexandre Velasco, o único sobrevivente do naufrágio de 1955 no mar de Caribe, sendo esta obra considerada como uma referência do jornalismo literário sul-americano. Um outro exemplo, para demonstrar um pouco mais do que define a escrita do jornalismo literário, são os escritos do jornalista Raul Brandão e a forma como este procurou relatar uma complicada realidade em Portugal; e fê-lo através de uma escrita próxima de um romance, facilmente confundível com um texto puramente ficcional. Veja-se então o seguinte excerto d’*Os Pescadores* (1923), obra considerada como um exemplo perfeito dos primórdios da reportagem em Portugal (Godinho, 2009: 144-145) e concebida a partir de várias crónicas que se estendem desde o Minho até ao Algarve:

13 de Agosto - Daqui até à Póvoa de Varzim a povoação mais importante de pescadores é a Lagateira (Âncora), na segunda reentrância da costa. (...) São nove horas. O azul entontece. Perco a linha da paisagem, o verde-escuro do pinheiral que vai até ao mar, e tudo isto se me afigura uma larga concha azul, formada pelo mar

azul e pelo céu azul, com uma borda de areal onde alguns velhos moinhos em fila batem as asas (...).

14 de Agosto – Perto de Âncora fica a povoação de Gontinhães, de pescadores e de pedreiros (...). É uma aldeia pobre e humilde, pobre e doirada. (...) Aqui o sonho não é azul, o sonho é verde. É ao mesmo tempo esquecido e verde, doirado e verde. Também a vida é baixinha: são as mulheres que lavram e as vacas que puxam os carros. Os homens foram por esse mundo rachar o lajedo e afeiçoar a pedra” (Brandão, 1923: 33-34).

- 7 Se tanto este excerto de Brandão como o anterior de Márquez fossem lidos fora de contexto, poderíamos facilmente vê-los como pertencentes a novelas ou obras ficcionais. Contudo, ao sabermos que houve de facto um homem que sobreviveu dez dias em alto mar e de quem temos um relato descritivo do dia a dia, da solidão e da luta pela sobrevivência; ao lermos tudo isto, o primeiro pensamento que poderá ocorrer será: “Mas é isto tudo verdade?” (Sims, 2009: 18-19). De facto, ao lermos *Os Pescadores*, não há o compromisso de verdade – não se trata necessariamente de uma peça jornalística, feita nos acordes e princípios tradicionais da mesma. Apesar de tudo, sabemos que é uma descrição factual de uma realidade portuguesa da época, à qual temos acesso através de uma série de crónicas que procuram ser incisivas e verdadeiras no seu desenrolar. Assim, o que distingue o jornalismo literário do jornalismo convencional? Bom, primeiro que tudo é o uso de uma escrita jornalística próxima de um romance. Se considerarmos o caso do naufrago, seria perfeitamente exequível que os jornais colombianos noticiassem este acontecimento apenas com algo como: “Um marinheiro do naufrágio no mar Caribe foi encontrado vivo! Leia tudo na página 3.” E a história deste naufrágio não seria mais do que um título na capa do jornal, como foram tantos outros naufrágios e histórias de valor, resumindo-se assim a sua grande aventura a uma curta peça com a resposta às seis perguntas tradicionais do *lead*, não se fazendo com isso clara justiça à dimensão do episódio em causa.
- 8 O jornalismo literário, por outro lado, procura imortalizar uma história, trabalhando-a em detalhe e transpondo a realidade de forma fiel para o papel, através de uma escrita cuidada e narrativa. Trata-se de um género que é por si quase ‘intemporal’, pois são histórias que ficam connosco (Kerrane, 1997: 20), já que são desenvolvidas com uma escrita mais imersiva e humana. É uma procura de se ser personalizado no ato de desenvolvimento da notícia, e ainda assim de se ter preocupações jornalísticas de investigar e garantir ao público imparcialidade e a verdade dos factos - algo que a escrita não-ficcional, como um livro de memórias ou uma autobiografia, não pode garantir aos seus leitores, já que é construída a partir da reminiscência e afetação, e não através do incessante *fact-checking* e investigação (Yagoda, 1997: 13-14). Procure-se então desenvolver uma explicação para esta temática para melhor compreensão das suas possibilidades e importância para a atualidade mediática.
- 9 Ora, o primeiro problema que surge, quando se procura explicar o jornalismo literário (e como distingui-lo do que os escolásticos intitulam de jornalismo convencional), é, sem sombra de dúvida, o ‘nome’ a chamar a esta temática jornalística. Ao estudar esta questão é relativamente fácil ficar-se confuso com a quantidade de diferentes termos que existem para o definir, já que todos servem para ‘falar do mesmo’ ou, pelo menos, para tentar referir e definir a mesma questão - isto é, um jornalismo que insiste em dar largas ao seu corpo literário, distanciando-se do confortável sentimento *deselfed* que parece ter vindo marcar a maioria dos *media* da atualidade.

- 10 Veja-se, em várias obras de referência sobre jornalismo literário, alguns dos nomes dados para definir este género (todos eles traduzidos pelo investigador e seguidos da respetiva referência no original): jornalismo literário (*literary journalism*; Sims e Kramer, 1995; e Reynolds, 2011), ficção realística (*realistic fiction*; Raban in Sims, 2009: 8), narrativa não-ficcional (*narrative non-fiction*; Kramer, 1995: 21), escrita factual (*fact writing*; Michell in Sims, 1995: 11), recriação imaginativa (*imaginative recreation*; Raban in Sims, 2009: 8), não-ficção criativa (*creative nonfiction*; Jones in Kramer, 1995: 17; e Sims, 2009: 8), jornalismo ‘sensacionalista’ (*muckracking journalism*; Underwood, 2008: 25), jornalismo inovador (*innovative journalism*; Royal, 2000: 6), autobiografia, memória e escrita de viagem (*autobiography, memoir and travel writing*; os três termos foram usados para redefinir fronteiras do realismo, tanto na literatura como no jornalismo, por Sims, 1995: 3; e Sims, 2009: 12), memória-reportada (*reported-memoir*; Blais e Harrington in Sims, 2009: 14), reportagem criativa (*creative reportage*; Harvey in Royal, 2000: 4), romance-reportagem (Bianchin, 1997: 11; e Pena, 2006: 6), ‘journalit’, um jornalismo artístico e literário (*journalit, an artful and literary journalism*; Krim in Royal, 2000: 4), biografia (Pena, 2006: 6), novo jornalismo (*new journalism*; Wolfe, 1972), gonzo (termo utilizado para descrever o estilo do jornalista Hunter S. Thompson na década de 1970), ficção jornalística (Pena, 2006: 6), jornalismo íntimo (*intimate journalism*; Harrington, 1997), não-ficção com um propósito literário (*nonfiction with a literary purpose*; Weber in Royal, 2000: 4), jornalismo/periódico de criação (*periodismo de creación*; Pena, 2006: 13), jornalismo/periódico informativo de criação (*periodismo informativo de creación*; Pena, 2006: 13), prosa livre e não-ficcional (*free nonfictional prose*; Krim, 1970: 115), melodia (Pena, 2006: 14), romance não-ficcional (*nonfiction novel*; termo utilizado para referir as obras de *In Cold Blood*, 1967, de Capote, e *Hiroshima*, 1946, de Hersey in Royal 2000: 6), entre outros¹.
- 11 A variedade de termos usados para definir e redefinir a temática, que aqui se escolheu referir como jornalismo literário, pode naturalmente demover um estudo nesta área por algum natural medo de confusão e confronto ideológico e cultural. E, contudo, alguns autores conseguem descrever esta temática com alguma facilidade e clareza. Pedro Rosa Mendes, por exemplo, aquando a sua explicação do que entende ser a ‘reportagem-literária’, referiu que se trata de um contacto com a realidade com um “olhar de romancista, mas com uma disciplina jornalística” (Mendes in Bak e Reynolds, 2011: 1). O desejável seria que esta e outras simples mas concisas explicações pudessem, em teoria, resolver toda esta problemática possibilitando algum consenso escolástico sobre o tema. No entanto, a complexidade desta temática adensa-se e é necessário por isso esclarecê-la.
- 12 Com efeito, o problema de estudar esta questão complexifica-se quando se procura compreender em que área do saber se deve ‘inserir’ o seu estudo. É o jornalismo literário um género literário ou um género jornalístico? E será mesmo um género ou é na verdade um estilo? Ou será um formato? Se de facto existem tantos termos para definir temáticas semelhantes, com que razão é que aqui se escolheu chamar ‘jornalismo literário’, ao invés de tantos outros nomes defendidos por vários autores? E, por fim, haverá de alguma forma uma definição simples e clara do termo, um ponto de consenso na escolástica que investiga esta temática? Verdade seja dita que um estudo do jornalismo literário só pode ambicionar ser relevante e pertinente se souber responder a estas perguntas. Assim sendo, procure-se primeiro responder às mesmas

antes de, por fim, se examinar quais os primeiros passos a dar para conceber uma possível e relevante historiografia do jornalismo literário em Portugal.

2. Jornalismo literário: género ou estilo? literatura ou jornalismo?

- 13 Para estudar o jornalismo literário é necessário abordar, primeiro que tudo, o conflito entre ‘literatura e jornalismo’. Na verdade, os dois géneros confundem-se desde o início do seu paralelismo existencial no campo da escrita, havendo na sua origem pouca distinção entre ambos (Underwood, 2008: 3). Contudo, há algo que compreendemos hoje como a maior diferença entre os dois géneros: à literatura pertence o mundo do ficcional e do não-ficcional (neste segundo caso, assume-se que a sua maioria é concebida com alguma liberdade criativa e sem o compromisso da verdade para com o leitor: não existe um “contrato ético” para com a factualidade, como no jornalismo). Assim, na literatura há um espaço ilimitado para o escritor desenvolver histórias, potencializado pelo universo de possibilidades pertencentes ao imaginário do autor, e aliado ao universo do romance. Por outro lado, ao jornalismo pertence apenas o mundo dos factos observáveis e compreendidos (até prova em contrário), na procura de descrever acontecimentos de relevo da nossa realidade e fazendo-o da melhor forma possível. Ora, isto não quer dizer que na literatura não exista ‘verdade’: mesmo as ficções de muitas obras têm em si uma base de verdade; aliás, é nesta base que a imaginação na literatura responde ou nos ajuda a encontrar a solução para a pergunta: “O que estamos nós aqui a fazer?” (Sutherland, 2013: 4).
- 14 Mas admita-se, desde já, que o jornalismo não procura responder a essa ‘pergunta existencial’; procura sim, acima de tudo, informar o seu público. E tem vindo a fazê-lo eficazmente desde a sua conceção no seu formato moderno, e de forma distante da literatura. Quanto à imaginação no jornalismo, esta tem apenas lugar quando o jornalista pensa que palavras usar para descrever uma realidade – ou pelo menos dentro da conceção de que a realidade está ao alcance da escrita e compreensão humana. Podemos até considerar, de certa forma, que ferramentas como a ‘pirâmide invertida’² ou as ‘seis perguntas de base do jornalismo’³ acabam por restringir o lugar da literatura no jornalismo, fazendo com isto uma espécie de ‘pala’ criativa que limita o jornalista a um número determinado de caracteres por notícia e a cumprir indicações rígidas de linguagem direta, como se o jornalista fosse forçado a ‘desenhar’ a notícia dentro de parâmetros restritos (e não a partir das potencialidades do relato do acontecimento). Trata-se, neste sentido, de uma metodologia que limita o jornalista a um sistema e a um método objetivo de atuação, mas que, por um lado, castra qualquer espaço para desenvolvimento narrativo e/ou descrição e envolvimento na criação da peça jornalística - o tal *deselfed* que Mark Kramer referia.
- 15 Seria de considerar, assim sendo, que não há espaço para qualquer tipo de vontades, emoções ou egos no jornalismo, sendo o repórter pouco mais que uma peça na engrenagem mediática, repetindo uma e outra vez as mesmas tarefas, como um anónimo elemento de uma lógica de eficácia de se ser prático e rápido na conceção da notícia, que não é mais que um ‘produto uniformizado’ (ao estilo dos primeiros sistemas capitalistas de produção em massa, como na época do ‘Fordismo’ dos inícios do século XX). A verdade é que é inegável a utilidade deste formato jornalístico, e não se procura de nenhuma forma contestar o seu lugar nos tempos que correm. Contudo, há

acontecimentos e realidades que o jornalismo pode e deve relatar de forma mais cuidada e humana, dada a complexidade e delicadeza do momento em causa. De facto, a ‘crónica’, por exemplo, não prima por estes moldes rígidos, distinguindo-se pelo espaço que dedica à opinião do seu autor, sobre um determinado tema de interesse (Cascais, 2001: 63). Mas haverá, diga-se, um jornalismo que prima pela narrativa do autor, na procura de melhor descrever e relatar a notícia? E não poderá este jornalismo ser percebido, por vezes, como ficção/invenção pela sua natureza narrativa e não-linear? Ora, responder a estas perguntas é voltar ao centro de toda esta investigação.

- 16 De facto, o jornalismo literário procura fugir a esse hipotético ‘método de máxima eficácia’ de escrever as notícias; na verdade, não existe obrigatoriamente uma ‘castração’ do número de caracteres por notícia, nem da descrição de pormenores ou do ‘envolvimento’ claro da parte do jornalista (envolvimento, note-se, não é o mesmo que sobre-exposição do ego ou da opinião do autor). Este jornalismo, por vezes definido como *long form journalism*, tem de facto maiores dimensões e define-se por um humanismo no jornalista: uma sensação de que aquilo que se lê é ‘um’ autor, e não o mero regurgitar de técnicas estáticas de se ‘fazer bom jornalismo’. Quer isto dizer que não há regras no jornalismo literário? Não, pelo contrário. As regras são semelhantes às do jornalismo convencional. Contudo, no jornalismo literário as normas são vistas como formas de potencializar a narrativa do momento noticioso e não de confinar o jornalista a um padrão limitador. E, tal como no jornalismo convencional, há uma regra de ouro que não pode ser ultrapassada de nenhuma forma: trata-se da necessidade de se ser factual, havendo apenas imaginação e criatividade para melhor descrever a realidade observada e não para inventar momentos ou pormenores inexistentes. De facto, já vários jornalistas mentiram nas suas histórias (tal como destaca Sims, 2009: 12), descredibilizando para sempre as suas carreiras e custando ao jornalismo a sua lograda e justificada fama de factualidade, importância e relevância no seu campo operacional.
- 17 Se o jornalismo literário tem semelhanças com o jornalismo convencional a nível ético-prático, como podemos então defini-lo e compreendê-lo em maior detalhe? Ora, no jornalismo literário há uma contínua procura da ‘imersividade’ no acontecimento noticioso, característica que marca a reportagem, mas que tem também um lugar preponderante no jornalismo literário - nas palavras de Ted Conover: “Se o repórter tem a possibilidade de caminhar nas mesmas pegadas que o seu objeto de investigação, porque não fazê-lo?” (Conover *in* Kramer e Call, 2007: 35). De facto, há uma preocupação com as pessoas e com os detalhes do acontecimento a narrar, ao invés da procura de escrever a notícia o mais rápido possível ou de ignorar pormenores em prol de se ser imediato, como é exigido no jornalismo competitivo e em constante atualização. Já em várias peças de jornalismo literário, um trabalho poderá demorar anos a ver a luz do dia e pode também ser atualizado continuamente, procurando-se contar histórias que deixem no público, idealmente, um sentimento de verdadeira compreensão do acontecimento e não apenas de mero ‘consumo aditivo’, mas não interessado, das notícias de última hora (Guillermoprieto *in* Kramer e Call, 2007: 156). Um outro fator de relevo neste género é o carácter de imprevisibilidade, que é uma das possibilidades deste jornalismo, que teme ‘não se planear’ pensando no fim pretendido (Singer *in* Sims e Kramer, 1995: 8), mas sim deixando espaço para o jornalista se ‘desenvolver’ com a notícia, para a encarar em toda a sua completude e importância - veja-se, por exemplo, o trabalho de Tracy Kidder em 1993, na obra *Old Friends*; o autor em questão passou mais de um ano a investigar indivíduos que trabalhavam num posto

de enfermagem, chegando por fim à conclusão de que o tema central da sua peça não eram os trabalhadores, mas sim os pacientes que ele conheceu ao longo do seu trabalho (Kidder *in* Sims e Kramer, 1995: 370). Por fim, é também importante que o jornalista literário (tal como no jornalismo convencional) seja como uma ‘sombra’ e que não influencie por isso a ação a relatar – o jornalista não é a notícia, mas antes o veículo de transporte da mesma (Hull *in* Kramer e Call, 1997: 182-183).

- 18 E a pergunta, que é ainda neste momento relevante, coloca-se mais uma vez: é o jornalismo literário, por ter esta preocupação com os detalhes e as pessoas, um género literário ou antes um género jornalístico? A verdade é que se trata de uma narrativa que se pode ler como um romance e que é por vezes vista como arte (Singer *in* Sims e Kramer, 1995: 10). Aliás, porquê chamar género ao jornalismo literário? Não será isto uma limitação ou estandardização desnecessária? Ora, numa breve introdução à temática dos géneros e subgéneros no jornalismo e literatura, Kramer e Call (2007: 66) usam a expressão ‘géneros primos’, para dar a ideia de como ambos partilham os mesmos genes. De certa forma, é assim que se deve compreender o jornalismo literário relativamente à relação da literatura e jornalismo, isto é, ambos os géneros são da mesma família, sendo que o jornalismo terá ‘surgido’ temporalmente muito depois do surgimento da literatura (ainda que não seja errado ver, na sua origem, a literatura como a necessidade de documentar acontecimentos e interpretações da realidade, dando-lhes uma maior longevidade e exatidão do que a mera memorização, algo na génese bastante jornalístico). E o jornalismo literário, em particular, terá ‘aprendido’ com ambos os géneros, sabendo retirar o melhor que cada um pode oferecer aos seus leitores e escritores. Mas, se por um lado chamar género ao jornalismo literário parece algo de intuitivo e não necessariamente errado, a verdade é que alguns autores discordam ainda, e com alguma razão, de tal asserção (Bak, 2011: 18).
- 19 Será então mais correcto ver o jornalismo literário como um estilo? Ou até como arte, como já foi referido? Bak arranja uma possível solução para esta questão, chamando disciplina ao jornalismo literário (2011: 18). Contudo, esta não parece ser necessariamente a melhor resposta para resolver este problema. Pois, se aqui se assume literatura e jornalismo como géneros primos, que se veja então o jornalismo literário e subsequentes géneros não-ficcionais como herdeiros legítimos da coexistência desta ‘família narrativa’, da qual surgiu a herança literária que se tem vindo a propagar nos últimos séculos e que preenche não só romances, como páginas de jornais e reportagens investigativas. E, tal como é sugerido por Ben Yagoda (1997: 16), o veículo com que o jornalismo literário opera é mais complexo que uma narrativa simples e estruturalmente repetitiva. Na verdade, há espaço para crescer e desenvolver, pois trata-se de um género com enormes possibilidades no panorama atual.

3. O lugar do jornalista no jornalismo literário

- 20 Ora, o perigo do jornalismo literário está inerentemente no envolvimento do jornalista no acontecimento. Pois, se se procura que o jornalista se deixe afetar pelas pessoas, com o intuito de lhes fazer justiça nas suas palavras e conseguir dessa forma captar na sua escrita a essência do episódio a relatar, é então apenas natural que o jornalista se sinta impelido a marcar presença através da sua ‘voz’ e ‘sentimento’, a favor ou contra os intervenientes do momento noticiado. Este problema surge pela proximidade que historicamente caracteriza o ofício do jornalista, já que ele é, idealmente, nada mais do

que uma mera ‘sombra’ que relata factos para um papel e que, depois de ter as respostas, volta para casa despreocupado em relação ao seu ofício. Há neste sentido uma natural possibilidade, no caso do jornalismo literário, de o jornalista se esquecer do seu lugar no episódio narrado e de ser ver por isso como peça integrante do acontecimento noticiado, já que é à sua escrita e ao seu olhar que temos acesso e que, enquanto leitores, desejamos conhecer ao pormenor. É importante perceber que o repórter no jornalismo literário (e no jornalismo dito convencional) “não é a história”, ele é apenas a “forma com que podemos aceder à mesma” (Yagoda, 1997: 16).

- 21 O perigo do jornalista que intervém na notícia é decerto real. De facto, um dos episódios mais importantes que marcou o estilo adotado no jornalismo literário – pelo menos no panorama internacional – foi o *New Journalism* norte-americano da década de 1960/70, que ficaria em parte conhecido pelo seu ‘jornalismo interventivo’ e pelos vários eventos narrados que tinham o jornalista como peça central. Este *New Journalism*, que tinha nos alicerces o idealismo de ser factual e relatar um acontecimento com uma ética e técnica jornalística, mas com uma escrita igualmente romanceada e literária, havia de definir-se formalmente por Tom Wolfe e E. W. Johnson, na obra *New Journalism* (1973). O seu sucesso estava assente na ideia de que era necessário uma diferente forma de fazer jornalismo, através de uma abordagem moderna e particularmente atenta aos detalhes. Como se, de certa forma, a reportagem moderna não fosse suficiente para descrever a realidade da época (Kerrane, 1997: 18). Não foi com este movimento que surgiu este tipo de jornalismo, mas deve este género norte-americano servir como reconhecimento das possibilidades do jornalismo literário e perceber alguns naturais riscos a evitar aquando da sua prática.
- 22 De facto, sobre o *New Journalism*, refira-se que este género haveria de ganhar uma grande fama junto do seu público, mas que cairia em descredibilização pela sua ‘difícil’ ou ‘frágil’ relação com os factos, ficcionando por várias vezes os seus conteúdos – que, sendo de carácter jornalístico, se assumiam, naturalmente, como factuais (aliás, a questão da ficção na prática jornalística pode ser vista, por exemplo, nos escritos de Hunter S. Thompson, um dos autores de renome do *New Journalism* (Owens, 2010). Sabendo e tendo consciência hoje em dia de que alguns episódios que pertencem a este género foram na verdade inventados, é natural que o leitor se sinta legitimamente ‘enganado’, como se não soubesse o que é real ou não. Gay Talese, por exemplo, um jornalista que outrora foi associado ao género, acabou mesmo por mais tarde recusar o título de *new journalist* pela sua má fama (Talese, 2003). Note-se, claro, que a invenção não diminui a beleza das narrativas em questão, mas compromete sem dúvida a verdade que as peças declaravam possuir, desiludindo qualquer público que as leu como se se tratava de factuais. Desta problemática surge uma natural ambiguidade que distrai e afasta o leitor da verdade. É por estas e outras razões que o jornalismo literário hoje em dia está assente na procura de garantir a verdade aos seus leitores (Kramer, 1995: 24), longe do perigo da adulteração, ego e invenção do jornalismo oportunista. A subjetividade na narrativa, de facto, é um perigo constante para um jornalista literário (Poerksen, 2010: 22), sendo necessária a procura da factuais e a contínua obrigação de atuar nos princípios naturais de uma ética jornalística, assumindo o respeito para com a verdade como responsabilidade máxima para garantir o sucesso e integridade do género, não só hoje em dia, mas também para a posteridade.
- 23 Por fim, e antes de se avançar sobre o difícil desafio de procurar os alicerces de uma historiografia do género no caso português, volte-se uma última vez à questão: porquê

‘jornalismo literário’? Se existem tantos nomes para descrever o género, como já foi demonstrado, então por que razão é que se escolhe definir esta temática como ‘jornalismo literário’? Porque não um de outros nomes já referidos? A verdade é que se houvesse uma grande escolástica portuguesa a estudar este género – como existe noutras realidades internacionais – poder-se-ia de alguma forma ‘fixar’ esta discussão nessa temática: que nome dar a este género e porquê? De facto, um outro termo que não é geralmente usado e que de alguma forma o autor desta investigação está inclinado para defender é o de ‘reportagem literária’ (a palavra reportagem, na visão do autor, dá menos azo a confusão aquando da definição do género). Este título garante em poucas palavras tudo aquilo que mune o género: um jornalismo investigativo, portanto assente nas ideologias e precisões estruturais éticas do universo da ‘reportagem’; porém, que se marca por estar próximo da ‘literatura’; logo, não tão preso à apresentação dos ‘factos pelos factos’, mas antes aliado às possibilidades estético-narrativas que anteriormente apenas tinham lugar na escrita de obras ficcionais. A verdade é que o termo ‘jornalismo literário’ dá azo a ser confundido com literatura sobre jornalismo ou literatura ficcional ou não-ficcional escrita por jornalistas.

- 24 Contudo, há que chegar a um compromisso metodológico e o termo ‘jornalismo literário’ foi de facto usado já pela maioria dos autores portugueses que estudam as temáticas inseridas neste género, como, por exemplo, Paulo Moura (2010), Isabel Soares ou Alice Trindade (2012). Será positivo, já que se procura aqui lançar as bases para uma historiografia nacional do tema, manter alguma coerência, e não há na verdade prejuízo algum em se concordar com a escolástica previamente existente. Neste sentido, definir este género como jornalismo literário é uma escolha ponderada e é sem dúvida uma vantagem para investigações futuras que procurem analisar casos específicos na realidade portuguesa – ao invés de se perder muito mais tempo com imprecisões sobre que nome dar a este género. Na verdade, jornalismo literário foi também a expressão escolhida por Bak e Reynolds (2011) para tentarem encontrar um termo que definisse o género a nível internacional, estando Portugal incluído na investigação em questão. Ora, mais do que o nome, neste caso, interessa o conteúdo (que será a próxima problemática a analisar, particularmente a nível nacional). Quanto a uma definição final e simples do género, Ben Yagoda di-lo em poucas palavras naquela que parece uma das aceções mais adequadas e completas: jornalismo literário trata-se do tipo de jornalismo que é literário, que é pensado, artístico e verdadeiramente inovador (Yagoda, 1997: 14).

4. Desafios para a historiografia do jornalismo literário português

- 25 O primeiro desafio encontrado é simples de formalizar, e, ainda assim, é essencial conseguir ultrapassá-lo para garantir a integridade e pertinência desta investigação. Com efeito, existe de facto o legado de um jornalismo literário português? Ora, admita-se desde já que todos os autores que possam ser vistos como nomes legítimos para serem integrados neste género são, por outras palavras, apontados pelo investigador e não pelos próprios. Assim, não é errado afirmar que qualquer autor que possa ser inserido numa hipotética historiografia deve ser considerado pela sua escrita jornalística e não por uma qualquer etiqueta que lhe seja atribuída (quer pelo próprio, quer pelos seus contemporâneos). Com isto, diz-se que o jornalista não se vê

propriamente ou obrigatoriamente como ‘um jornalista literário’, mas antes como um jornalista que compreende os potenciais de uma narrativa mais descritiva, humana e literária; já que insere nas suas peças uma descrição maior e um detalhe aprofundado, tornando a sua escrita mais apelativa e humana. Neste sentido, tenha-se o estilo narrativo e a integridade jornalística destes autores como pontos fundamentais para compreender que jornalistas se poderiam colocar nesta possível historiografia.

- 26 De facto, podemos identificar já alguns jornalistas contemporâneos que têm uma escrita muito próxima daquela que mune o género em questão. Diga-se que uma futura historiografia do jornalismo literário português fará por bem considerar e estudar alguns autores em específico, como, por exemplo: Sílvia Caneco, particularmente por duas reportagens publicados no jornal *i*, em 2012, tendo recebido o *Prémio Jornalismo Literário Teixeira de Pascoaes-Vicente Risco*, uma cooperação galaico-portuguesa (especial destaque para a peça *Preso duas vezes. A vida no hospital-prisão*); ou Paulo Moura, já aqui referido e cuja peça *A menina que amou demais*, publicada no *Público*, é um exemplo em destaque (esta peça, que havia de ser republicada em 2014 na obra *Longe do Mar*, trata-se do relato de um trágico episódio que foi tratado com uma reportagem muito sensível e humana). Há de facto muitos outros jornalistas contemporâneos (como Alexandra Lucas Coelho, Tiago Carrasco ou Susana Moreira Marques) que podem ser inseridos neste género. Mais difícil será encontrar jornalistas nacionais, ao longo dos mais de três séculos de jornalismo português, que se possam ver e analisar segundo os parâmetros do jornalismo literário atual. Uma historiografia desta temática terá então como maior desafio, não necessariamente a atualidade jornalística, mas antes a sua longa cronologia.
- 27 A verdade é que a história de Portugal se confunde com a do próprio jornalismo português e, inevitavelmente, o segundo retira muito da primeira. De facto, Fernando Cascais arriscava que, já por 1434, quando o rei D. Duarte encarregou Fernão Lopes de relatar a história do país, ao fazê-lo, fez surgir o ‘primeiro grande repórter português’ (Cascais, 2001: 63), muitos séculos antes de ser criada a primeira gazeta em Portugal ou da proliferação do jornalismo no público português. Permita-se, até, continuando nesta ideia da documentação da narrativa de acontecimentos da nação portuguesa como algo próximo dos primórdios do jornalismo, fazer um levantamento de um pequeno excerto de um dos mais conceituados exemplos de documentação factual e noticiosa de um acontecimento de larga importância nacional. O seguinte excerto foi escrito por Pêro Vaz Caminha, em 1500, aquando da descoberta de terras desconhecidas que haveriam de ser batizadas de Terra de Vera Cruz (e que seria o primeiro contacto histórico de Portugal com os povos e territórios do Brasil). Assim, veja-se:

A partida de Belém foi -- como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de março. (...). E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha -- segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas (...). E quarta-feira seguinte (...) houvemos vista de terra! (...) o capitão pôs o nome de (...) Terra de Vera Cruz! (...) E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes. (...) quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. (...) E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse (...) (Caminha, 1500).

- 28 Este excerto da carta enviada ao rei português D. Manuel I é, não só um pedaço da história de Portugal, mas também um perfeito exemplo de como as notícias viajavam e eram relatadas na altura, e de como se documentou um acontecimento de grande importância para a nação. Teria um jornalista literário, se os houvesse na época, documentado o episódio de maneira diferente? Aliás, se há um outro exemplo ideal de um autor que procurou documentar um grande pedaço da história de Portugal, e fê-lo com poesia e imaginação, foi claramente Luís Vaz de Camões. Se a sua obra fosse feita na totalidade a partir de relatos de navegadores da época que serviram Portugal, e se os episódios da viagem fossem também retratos fiéis da realidade, imaginando até que o autor podia também ele ter feito parte dessa viagem; se assim tivesse sido, poderíamos dizer do resultado que poderia ter sido de facto um dos primórdios do jornalismo literário português. Contudo, ao afirmar tal coisa, é preciso que não se leve à letra: pois salvam-se as ‘Ninfas do Tejo’ ou os diálogos entre os ‘Deuses Gregos’ para garantir, se é que não estava já garantida, a fantasia e o devaneio presente n’*Os Lusíadas* (que se confunde brilhantemente com a coragem e história de uma nação). Não se tira por isso prestígio à obra, mas a sua menção para uma historiografia deste género deve ser apenas indicativa e hipotética (e não como referência essencial ou fulcral para todo o restante estudo).
- 29 Uma outra obra que não é também de carácter jornalístico (ainda que o autor da mesma tenha tido um papel na história do jornalismo português, estando envolvido em alguns periódicos da época), mas que há quem aponte como importante para esta temática, é *As Viagens à Minha Terra* (1846), de Almeida Garrett. Baptista-Bastos, numa entrevista de Fátima Lopes Cardoso, defende que esta obra deveria ser considerada como os primórdios da reportagem investigativa em Portugal e um particular exemplo de um jornalismo inserido nos moldes do *New Journalism* (Baptista-Bastos in Cardoso, 2012: 150). Trata-se de um elogio tremendo já que, como já foi visto, o tão elogiado *New Journalism* só apareceria mais de um século depois na América do Norte, tendo uma grande importância e impacto para o jornalismo norte-americano desse período.
- 30 Ainda assim, a estes autores mencionados e a tantos outros, falta uma característica que é essencial para serem logicamente vistos como pertencentes a essa história do jornalismo literário em Portugal: trata-se de possuírem e exercerem a carreira jornalística aquando da escrita das obras em questão, assumindo-se assim a ‘mentalidade’ e a ótica exigida na transcrição e no contacto com os factos, o que implica uma obrigação maior de corresponder à integridade jornalística de relatar sempre no campo da factualidade. São estes autores, e tantos outros da história portuguesa, que procuraram narrar a realidade nacional e internacional e que devem ser vistos como antecedentes e influências indiretas e diretas das gerações futuras e que são de considerar e estudar, na historiografia do jornalismo literário em Portugal.
- 31 Contudo, há que vincar que nem todos os jornalistas portugueses que primam por uma escrita realista⁴ podem, por isso, logicamente ser vistos como jornalistas literários. Os jornalistas literários que encabeçarão esta historiografia devem, não só exercer a carreira jornalística aquando da escrita das suas peças, mas também comprometer-se a dizer a verdade e a ser corretos quanto aos factos, o que lhes garante uma diferente leitura dos seus textos e uma maior responsabilidade para o público que os lê. Pois, note-se que aos romancistas não-ficcionais e aos biógrafos e escritores de memórias não se ‘pedem contas’ de um ou outro pormenor nas suas narrativas que possa facilmente passar por falso ou inventado. Já com os jornalistas literários, contudo, o

tratamento é diferente: espera-se a verdade dos factos, pois é a isso que o jornalismo habituou o seu público e é isso mesmo que define a profissão. Tudo isto, claro, aliando as suas narrativas a uma escrita romaneada e cuidadosa seu objeto de investigação.

Conclusão

- 32 O que se pode então esperar de uma historiografia do jornalismo literário português? Que princípios deve um investigador ter em conta para garantir o seu sucesso neste empreendimento? E que obstáculos se pode esperar numa investigação deste tipo?
- 33 Primeiro que tudo é importante que um estudo desta envergadura tenha em consideração não só a história do jornalismo, mas também a história da literatura em Portugal. Não é possível pensar no primeiro sem ter em conta o segundo, particularmente nos fins do século XIX e inícios do século XX, quando muitos escritores conceituados eram também jornalistas (e vice-versa). É também importante compreender quais os acontecimentos históricos em Portugal que induziram a uma proliferação do género, fazendo com que os jornais portugueses apostassem cada vez mais neste tipo de narrativa jornalística. E, igualmente, é importante perceber se alguns dos acontecimentos históricos que limitaram a publicação livre de peças jornalísticas foram castradores (ou não) da criação e publicação de peças de jornalismo literário (refira-se, neste ponto, a questão da censura no jornalismo português). Por outro lado, a historiografia em causa deverá também ter consciência dos críticos destes escritores e dos comentários de alguns dos seus contemporâneos que os investigaram. Contudo, e ainda que a leitura dos mesmos possa ser profícua para uma historiografia desta temática, é importante não se ficar 'refém' da mesma: mais importante que teorias e comentários sobre estes escritores, será mesmo conseguir lê-los e analisá-los em pormenor.
- 34 Refira-se também que não pode uma historiografia do jornalismo literário português ter sucesso se não souber analisar bons e maus exemplos da escrita jornalística de autores nacionais - para demonstrar tanto momentos 'literários' e inovadores nas suas narrativas, como, inversamente, momentos menos éticos nas suas escritas jornalísticas. Quer-se dizer com isto que existem autores portugueses que, tal como alguns dos nomes do *New Journalism*, inventaram também momentos nas suas narrativas ou renderam as suas peças a um ego e à sobre-exposição das suas visões político-ideológicas. Mais importante que ostracizar ou ignorar estes autores, será importante conseguir analisá-los de forma a compreender como os mesmos renderam as suas peças a percalços que afetam naturalmente a criação de uma peça de jornalismo literário. Assim, estudar este tipo de autores (como o Repórter X ou António Ferro) será algo útil para esta historiografia, já que todos eles fazem parte da história e do desenvolvimento do jornalismo em Portugal.
- 35 Por fim, se um estudo sobre esta questão pode e deve ambicionar conseguir clarificar que autores e obras pertencem ou não à história deste género jornalístico em Portugal, deve esse mesmo estudo ser capaz de, em poucas palavras, conseguir definir o que é podemos chamar jornalismo literário? Assim, de forma a contribuir para um futuro estudo nesta área, permita-se que o autor avance com a 'sua' definição, que é concebida a partir do estudo e investigação dos autores mencionados ao longo desta investigação. Deve, então, na visão do investigador, o jornalismo literário ser definido como uma criação jornalística factual, humana e literária. Igualmente, é de reforçar o facto de que

uma peça de jornalismo literário deve ser concebida com o rigor de uma reportagem e assente nos valores democráticos que definem e caracterizam este ofício, garantindo assim o respeito para com a história e identidade dos envolvidos no acontecimento reportado e para com o próprio leitor que escolhe ler e conhecer este formato. Só assim se pode garantir a integridade e verdade jornalística numa peça deste género. Só assim se pode ler uma peça de jornalismo literário na sua real factualidade. De facto, só assim pode uma peça ser verdadeiramente considerada para uma historiografia do jornalismo literário português.

BIBLIOGRAFIA

- Bak, J. S. e Reynolds, B. (2011). *Literary Journalism across the Globe*. Massachusetts: University of Massachusetts.
- Bianchin, N. (1997). *Romance-Reportagem: Onde a Semelhança não é Mera Coincidência*. Brasil: Editora da UFSC.
- Brandão, R. (2009). *Os Pescadores*. Estarreja: Mel Editores.
- Caminha, P. V. (1500-1963). *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus.
- Caminha, P. V. (1500). Carta a El-Rei D.Manuel. Transcrição do original na Torre do Tombo [Internet] Disponível em www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf [Consult. Julho de 2016].
- Caneco, S. (2012). Presos duas vezes. A vida no hospital-prisão. *Jornal i*, 14 Abril: 30-33.
- Cascais, F. (2001). *Dicionário de Jornalismo: As Palavras dos Média*. Lisboa: Verbo.
- Cardoso, F. L. (2012). *Jornalistas-Escritores: A Necessidade da Palavra*. Coimbra: Minerva.
- Garret, A. (1846-1963). *Viagens na Minha Terra*. Lisboa: Portugália Editora.
- Godinho, J. (2009). *As Origens da Reportagem - Imprensa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Harrington, W. (1997). *Intimate Journalism: The Art and Craft of Reporting Everyday Life*. London: SAGE Publications.
- Kerrane, K. e Yagoda, B. (1998). *The Art of Fact*. New York: Pocket.
- Kramer, M. e Call, W. (2007). *Telling True Stories*. USA: Plume Books.
- Krim, S. (1970). *Shake it for the World*. New York: Dial Press.
- Márquez, G. G. (2011 [1970]). *Relato de um Naufrago*. Lisboa: Dom Quixote.
- Moura, P. (2009). A menina que amou demais. *Público* [Internet] Disponível em www.publico.pt/temas/jornal/a-menina-que-amou-demais-18287173 [Consult. Julho de 2016].
- Moura, P. (2010). Jornalismo Literário não é ficção. *Jornalismo Porto Net*. [Internet] Disponível em www.jpn.c2com.up.pt/2010/05/26/paulo_moura_jornalismo_literario_nao_e_ficcao.html [Consult. Julho de 2016].
- Moura, P. (2014). *Longe do Mar*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Owens, J. M. (2010). Hunter S. Thompson and the blurry line between fiction and nonfiction. [Internet] Disponível em www.academia.edu/407666/Hunter_S._Thompson_and_The_Blurry_Line_Between_Fiction_and_Nonfiction [Consult. Julho de 2016].
- Pena, F. (2006). O jornalismo literário como género e conceito. Universidade Federal Fluminense. [Internet] Disponível em www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf [Consult. Julho de 2016].
- Poerksen, B. (2010). The milieu of a magazine: Tempo as an exponent German new journalism. *Literary Journalism Studies*, 2 (1) Spring: 9-30.
- Queirós, E. (1888). *Os Maias*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Royal, C. (2000). *The Future of Literary Journalism on the Internet*. Austin: University of Texas.
- Sims, N. e Kramer, M. (1995). *Literary Journalism*. New York: Ballentine.
- Sims, N. (2009). The problem and promise of literary journalism studies. *Literary Journalism Studies*, 1 (1) Spring: 7-16.
- Sutherland, J. (2013). *A Little History of Literature*. London: Yale University Press.
- Talese, G. (2003). Interview to Gay Talese, author of «Frank Sinatra has a cold». [Internet] Disponível em www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=1424661 [Consult. Julho de 2016].
- Trindade, A. (2012). What will the future bring? *Literary Journalism Studies*, 4 (2) Fall:101-106.
- Underwood, D. (2008). *Journalism and The Novel*. New York: Cambridge University Press.
- Wolfe, T. (1972). The birth of 'The New Journalism'; Eyewitness report by Tom Wolfe. New York. [Internet] Disponível em www.nymag.com/news/media/47353/ [Consult. Julho de 2016].

NOTAS

1. De muitos outros termos utilizados para denominar esta temática, considere-se, por exemplo, que na obra de 2011, editada por John S. Bak e Bill Reynolds, para além de algumas das denominações já aqui referidas, são também usadas outras designações como: jornalismo narra-descritivo (*narra-descriptive journalism*), documentário (*documentary*), prosa (*prose*), ficção factográfica (*factographic fiction*), ensaio pessoal reportado (*personal reported essay*). Igualmente, na secção 'Call For Submissions' da revista *Literary Journalism Studies*, por exemplo, são usados também os seguintes termos para referir a mesma questão: jornalismo narrativo (*narrative journalism*), literatura reportada (*literary reportage*), reportagem literária (*reportage literature*).
2. Por 'pirâmide invertida', entenda-se a definição enunciada por Fernando Cascais: "Baseia-se numa hierarquia decrescente dos elementos seleccionados como os mais importantes e significativos sobre o acontecimento que a notícia relata. Esta selecção, feita pelo jornalista, estabelece ao mesmo tempo a hierarquia dos elementos a integrar no texto" (Cascais, 2001: 150).
3. Por perguntas de base, entende-se: "O Quê?", "Quem?", "Onde?", "Quando?", "Porquê?" e "Como?".
4. Ainda que Eça de Queirós, que teve uma carreira jornalística, não tenha procurado ser estritamente factual no seu romance *Os Maias* (1888), a verdade é que há vários momentos que podem ser facilmente vistos como fiéis retratos da realidade portuguesa do séc. XIX.

RESUMOS

A temática do jornalismo literário tem vindo a ser alvo de vários estudos internacionais. Contudo, por se tratar de um género que se distingue por um romper com as técnicas e metodologias tradicionais que marcam o jornalismo dito convencional, este formato jornalístico levanta muitas vezes questões ético-práticas sobre a sua conceção, factualidade e escolhas narrativas. Este tipo de jornalismo conhece na atualidade portuguesa uma emancipação distinta através da escrita de grandes nomes do jornalismo nacional que procuram abordar a realidade de uma forma mais humana, imersiva e descritiva; longe dos formalismos do *lead* ou da pirâmide invertida.

Procura esta investigação limar algumas das arestas do que significa este tipo de investigação jornalística e contribuir, positiva e criticamente, para a construção e localização de uma possível historiografia do jornalismo literário português.

Literary journalism has been throughout time the target for several international studies. Since it is a genre that stands out by breaking through the techniques and traditional methodologies that define the so called conventional journalism, this journalistic format opens up many ethical-practical questions about its conception, factuality and narrative choices. This type of journalism knows currently in Portugal a distinct emancipation through the writing of great names of national journalism who seek to face reality in a more humane, immersive and descriptive manner; far from the formalities of the lead or the inverted pyramid.

This investigation aims to touch upon some of the edges of this type of journalistic investigation and to contribute, positively and critically, to the construction and localization of a possible historiography of Portuguese literary Journalism.

ÍNDICE

Keywords: literature, literary journalism, reportage, fiction

Palavras-chave: literatura, jornalismo literário, reportagem, ficção

AUTOR

MANUEL JOÃO DE CARVALHO COUTINHO

CECC-Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

Universidade Católica Portuguesa

Tv. de Palma

1649-023 Lisboa – Portugal

manueljoaocc@gmail.com